Florianópolis (SC) setembro/outubro de 2010 Ano 5 N° 25 R\$ 4,00





VIDA MAIS GOSTOSA PARA QUEM?



**16** Aqui se produz gente lesionada

- **04** O canto da sereia e o tamanho do olho gordo
- 10 Mineiros soterrados em nome do lucro
- 14 O gosto doce e amargo da constatação
- 24 Fingidor na estrada

#### SeÇões

**03** Editorial

Temos a nossa Rede

**09** Crônica

A chuva das flores

26 Tempo Livre

Humor e futebol no livro "Gol é Orgasmo"

27 Poesia

Menorzinha

#### Para assinar Pobres & Nojentas

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
  - Envie e-mail para <u>eteia@gmx.net</u> informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)



5 edições ao ano (bimestral): R\$ 25,00 (inclui as despesas com o Correio)



A Rede Popular Catarinense de Comunicação (RPCC) reúne veículos e entidades que compartilham textos, áudios, fotografias, dentro da lógica da soberania comunicacional, que pressupõe o controle coletivo dos meios e da produção de conteúdos, buscando a quebra do controle da informação exercido pelos grandes meios de comunicação do Estado.

#### Colaboraram nesta edição:

- · Camila Bion de Assis
- Celso Martins
- Celso Vicenzi
- Eduardo Schmitz
- Elaine Tavares
- Marcela Cornelli
- Míriam Santini de Abreu
- Moacir Loth
- Mônica Fünfgelt
- Osíris Duarte
- Rosangela Bion de Assis
- Rubens Lopes
- Sandra Werle

#### Edição

Elaine Tavares (MTb/SC 00501) Míriam Santini de Abreu (MTb/RS 8077)

Projeto gráfico, Editoração e Tratamento de imagens Rosangela Bion de Assis (MTb/SC 00390) Sandra Werle (MTb/SC 00515)

Revisão Mônica Fünfgelt

#### Artes da Pobrecita

- Silva
- Eduardo Schmitz

#### Apoio Cultural

 Sindprevs/SC (Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina)



Florianópolis/Santa Catarina

## Temos a nossa Rede

E eis que a valente Pobres&Nojentas chega ao seu último número neste ano de 2010. Como sempre, comprometida com temas que não encontram espaço na grande mídia conservadora, entreguista e tomada pela autocensura na defesa do status quo.

O ano de 2011 vem aí, cheio de possibilidades. O Brasil escolheu sua presidenta. Uma mulher. Coisa nova demais. Há muitas expectativas e muito pé atrás. Nós, da Pobres, estaremos, como sempre, caminhando na direção da soberania comunicacional. Porque queremos um país em que a democracia seja participativa e protagônica, no qual as gentes possam participar de tudo o que diz respeito à vida nacional, e não só das eleições, com seu voto na urna.

Este trabalho de formiguinha vem sendo feito em Santa Catarina através da

criação da Rede Popular Catarinense de Comunicação, que reúne vários veículos comunitários/populares, decididos a produzir e difundir sua própria palavra, fora dos grandes meios. Depois de um ano de andar vacilante, a Rede vai se consolidando. Agora já dispõe de uma plataforma na rede mundial de computadores em que compartilha notícias, informes, artigos, análises, reportagens. E, mais do que a prática cotidiana de contar as histórias de seus lugares, a Rede compartilha também o pensamento teórico porque, como já ensinou Paulo Freire, uma prática sem reflexão não leva a lugar nenhum.

Para quem quiser conhecer a vida que se expressa na RPCC, basta um clic na internet e lá estará o nosso blog. Trabalho coletivo, de muitas generosas mãos. Jornalistas, contadores de história, pessoas do povo, artistas gráficos, todos juntos no processo de dar vida à soberania. No blog tivemos o apoio precioso do jornalista e ilustrador Eduardo Schmitz que, lá da cidade de Taió, onde também resiste com um jornal comunitário, criou o logotipo e a logomarca, dando concretude ao nosso desejo de união. Especial papel foi cumprido por Roberto, Cássio e Padre Pedro, sem os quais nada vingaria.

Pois agora a Rede está aí. É espaço nosso, lugar da luta e do descanso. É trama de vida, de rebelião. Porque acredita que o que aí está não pode ser verdade. E caminha no rumo da transformação. Desde a planura de Fraiburgo, onde nasceu, fortalecida pelos seminários da Agecon e do Desacato, ela se levanta, e proclama: aqui está a nossa voz! Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça!



## REDE POPULAR CATARINENSE DE COMUNICAÇÃO

www.redepopularcatarinensedecomunicacao.blogspot.com twitter.com/redepopularcc redepopularsc@gmail.com

Pobres & Nojentas tem Boletim Eletrônico

Cadastre seu e-mail em revistapobresenojentas@qmail.com para receber o resumo das notícias, reportagens, crônicas e artigos, além da agenda do movimento sindical e popular.

P&N no Orkut

Comunidade Pobres & Nojentas

http://br.youtube.com/PobresyNojentas

Blog da revista teórica (comunicação e jornalismo) P&N no Twitter www.twitter.com/pobresenojentas

http://revistapobresenojentas.wordpress.com

Blog da revista: http://pobresenojentas.blogspot.com

Pohres Nojentas set/out



# O canto da sereia e o tamanho do olho gordo

Texto: Celso Martins, de Florianópolis Fotos: Renata Martins e Celso Martins

No dia 17 de novembro a empresa OSX anunciou que não pretende mais construir um estaleiro em Biguaçu/Baía Norte de Florianópolis. Vai tentar a sorte no Rio de Janeiro. Na mesma data o ICMBio nacional prorrogou outra vez a divulgação do relatório do grupo técnico nomeado para apreciar o Estudo de Impacto Ambiental do empreendimento. Esta edição da revista Pobres & Nojentas já estava em finalização na gráfica quando surgiram as duas informações. Entretanto, isso não retira a atualidade do texto editado, mostrando o tipo de empreendimento previsto e os danos irreparáveis nas áreas socioeconômica e ambiental, afetando a própria opção da cidade pelo turismo.

O breve histórico da tentativa de implantação de um megaestaleiro em Biguaçu/Baía Norte de Florianópolis é revelador das mazelas e fragilidades de nossas elites política e econômica. Mostra o profundo divórcio entre as aspirações dessa gente e os anseios da população que assiste, entre pasma e aturdida, a sucessivas cenas de pusilanimidade explícita. E revela que, em momentos de grave ameaça, pessoas de distintas classes sociais podem se unir em resistência.

O estaleiro OSX poderá dar um rumo inesperado à dinâmica econômica regional, promovendo o adensamento populacional sem a infraestrutura adequada, inviabilizando a maricultura e a continuidade da pesca, sobretudo a do camarão, e desestruturando as diferentes comunidades instaladas na orla das baías de Florianópolis. Além disso, existe o risco do desaparecimento de praias ou trechos de praias na Daniela e Jurerê, e a poluição por combustíveis e produtos tóxicos em eventuais acidentes.





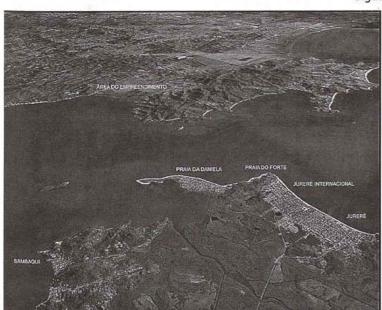
## O tamanho do negócio

Não é um galpão para construir barquinhos. Trata-se de uma iniciativa da OSX, "empresa do Grupo EBX, fundado e presidido por Eike Batista há quase 30 anos, que desenvolve e administra negócios nos setores de mineração, energia, logística, petróleo e gás, fontes renováveis, entretenimento e também no setor imobiliário", segundo o site da EBX.

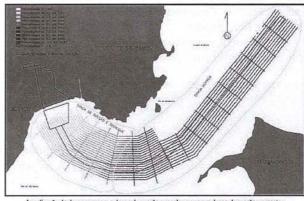
Foi anunciado um investimento de R\$ 2.080.000.000,00 (dois bilhões e oitenta milhões de reais) para a construção do estaleiro, segundo o EIA, mas esse valor tem variado para

mais e para menos. A previsão orçamentária de 2011, para a Prefeitura de Florianópolis, é de R\$ 1.3 bilhão.

No estaleiro vão ser construídos "navios plataforma tipo FPSO, plataformas semisubmersíveis, plataformas tipo TLWP, sondas moduladas, conveses, navios sonda (drillship) e jaquetas de plataformas fixas. O estaleiro também se dedicará a conversão de cascos de navios em FPSO", conforme o site da OSX. Os alvos são as reservas de petróleo do pré-sal e os equipamentos para sua exploração.



Localidades de Florianópolis integrantes da Área de Influência Direta do empreendimento



Localização da dragagem com a draga de sucção e reculque e com a draga de sucção e arrasto

Tudo isso será feito em uma área com 155,33 hectares (1.553.300 m<sup>2</sup>) na localidade de Tijuguinhas, município de Biguaçu-SC, região metropoli-

tana de Florianópolis.

A empresa acena com 4.000 empregos diretos, o que justificaria o atropelo da legislação ambiental e a degradação da Baía Norte de Florianópolis.

O empreendimento se situará entre a Área de Proteção Ambiental (APA) de Anhatomirim, a reserva Biológica Marinha do Arvoredo e Estação Ecológica de Carijós, dentro da Área de Normatização de Pesca e Turismo.

O canal entre o local do estaleiro e o

alto mar será fruto da dragagem de 8.750.000 m3 de sedimentos (areia, argila), embora os estudos iniciais indicassem a necessidade de retirada de 16.247.992.9 m<sup>3</sup>.

A profundidade do canal será de 9 metros, mesmo estando previstas embarcações com calado maior.

A largura do fundo do canal será de 167 metros, mais os taludes laterais com 36 metros cada (ângulo de 45°), acrescidos de uma faixa de segurança de 50 metros nos dois lados, o que dá um total de 339 metros. O espaço ganhará isolamento por bójas.

Extensão do canal: entre 13,2 e 14,5 quilômetros (as duas informações estão em lugares diferentes do EIA-RIMA - Estudo e Relatório de Impacto Ambiental - do empreendimento).



## O licenciamento

Apesar do empreendimento prever um canal em plena Baía Norte de Florianópolis, o processo de licenciamento ficou com a Fatma, que realizou três aparatosas audiências públicas em Governador Celso Ramos, Biguaçu e Florianópolis.

Por se encontrar na área de influência das três unidades federais de conservação



da natureza, o licenciamento precisou da anuência do órgão responsável, o Instituto Chico Mendes para a Biodiversidade (ICMBio). Após estudos, o órgão negou a anuência, postura reafirmada posteriormente.

Começa então um dos episódios mais tristes de nossa história recente, quando a população assistiu estarrecida a capitulação de nossas lideranças políticas e econômicas, na véspera de importante pleito eleitoral. Reunidos todos os candidatos, a eles se juntaram próceres do comando estadual, indo todos a Brasília pedir que a negativa do ICMBio local fosse revertida, abrindo caminho para a concessão da licença. O resultado dessa pressão foi a criação de um grupo de trabalho para fazer nova análise do processo.

# NÃO BRINQUEM COM MEU FUTURO



## O desmonte do EIA-RIMA

O EIA-RIMA do empreendimento começou a ser desmontado no início da madrugada de 23 de julho último, nos 10 minutos finais da audiência pública realizada pela Fatma e a OSX em Jurerê Internacional, pelo Promotor de Justiça Rui Arno Richter: o Ministério Público catarinense não tem nada contra o Estaleiro OSX, mas vai agir em caso de irregularidade e não aceitará a degradação ambiental.

Na ocasião, o promotor do meio ambiente da Capital assinalou que o empreendimento, ao contrário do que conclui o EIA-RIMA, terá,

sim, profundos reflexos na Baía Norte de Florianópolis, que também não detalha as consequências da dragagem do canal e o consequente aumento da turbidez e de matérias em suspensão nas águas marinhas. Considerou que as alternativas de localização em São Francisco do Sul, Itajaí e Imbituba, foram "rapidamente descartadas" com argumentos "extremamente insatisfatórios". Problemas como o rápido adensamento populacional de Biguaçu e região, sem a necessária infraestrutura. não foram considerados no Estudo. Por fim, entre outras

observações, cobrou dos órgãos públicos a definição de limites do uso da Baía Norte antes da concessão da licença. Disse temer que o Estaleiro OSX possa ser a porta de entrada para "outras atividades impactantes", social e ambientalmente.

Em seguida vieram os cientistas. Um parecer do professor Paulo Simões, contratado pela empresa Carujo Jr. para elaborar estudo a ser incluído no EIA-RIMA, foi descartado. Motivo: o cientista considerou o empreendimento "ambientalmente inviável" nas águas das baías de Florianópolis.

Pohres Nojentas set/out 2010





#### Por esse tempo surgiu a Nota técnica: Impactos potenciais do Estaleiro sobre a pesca artesanal, trabalho elaborado pelo oceanógrafo Rodrigo Pereira Medeiros e a bióloga Carina Catiana Foppa. Apesar de o EIA-RIMA não oferecer "condições para uma análise consistente" dos impactos na atividade pesqueira artesanal, os poucos dados contidos no documento são suficientes para assegurar que o empreendimento pode inviabilizar a "continuidade da atividade" na região.

O "Parecer independente" elaborado por um grupo

de cientistas brasileiros encabecado pelo oceanógrafo Leopoldo Cavaleri Gerhardinge representou outro golpe na credibilidade do EIA-RIMA: o diagnóstico da ictiofauna marinha (peixes, camarões etc) e dos impactos representados por espécies invasoras, apresentado no Estudo, "não apresenta condições consideradas mínimas para a adequada mensuração, dimensionamento e avaliação dos impactos do empreendimento sobre as populações de peixes marinhos". É falho também na "avaliação dos impactos da obra e no fun-

## A resistência

A resistência ao estaleiro foi encabeçada pelos moradores do Pontal de Jurerê (Daniela) e de Jurerê Internacional, com as adesões de entidades como a Associação de Bairro de Sambaqui (ABS) e o respaldo da União Florianopolitana das Entidades Comunitárias (Ufeco), ambientalistas, maricultores e pescadores de São Miguel (Biguaçu) e Governador Celso Ramos.

A motivação inicial foi a ameaça de erosão e desaparecimento das praias da Daniela e Jurerê, entre outras, associada ao temor da poluição. O risco de transformação do atual modelo socioeconômico de

cionamento do empreendimento".

Mais recentemente foi realizado um seminário interuniversitário no campus da UFSC, em Florianópolis, onde diferentes cientistas reafirmaram as ameacas sociais e ambientais do Estaleiro OSX, entre eles o oceanógrafo Marcus Poletti, da Univali, o economista Hoyedo Lins, e a arquiteta Margarete Pimenta, ambos da UFSC, entre outros. Todas estas manifestações da comunidade científica foram encaminhadas ao Ministério Público (estadual e federal), Fatma e ICMBio.



Florianópolis, onde desponta o turismo estimulando os setores de serviços, comércio e construção civil, associado ao setor de tecnologia de ponta (informática, robótica), também contribuiu para a mobilização.

Foram realizadas manifestações pelos pescadores de São Miguel (Biguaçu) e moradores de Sambagui, condenando o empreendimento. Em Jurerê Internacional houve ato público liderado pela Associação de Moradores e Proprietários local (AJIN), após assembleia onde apenas uma pessoa votou a favor do estaleiro. Esta última atividade teve o mérito de reunir sob uma mesma bandeira os desprezados pescadores da Baía Norte de Florianópolis com os moradores de uma das experiências mais bem acabadas da opção socioeconômica da cidade - o bairro de Jurerê Internacional. Resistência reunida sob a denominação de Movimento em Defesa das Baías de Florianópolis, cujo blog divulga o andamento das ações.

http://baiasdeflorianopolis.blogspot.com



Pohres Nojentas set/out

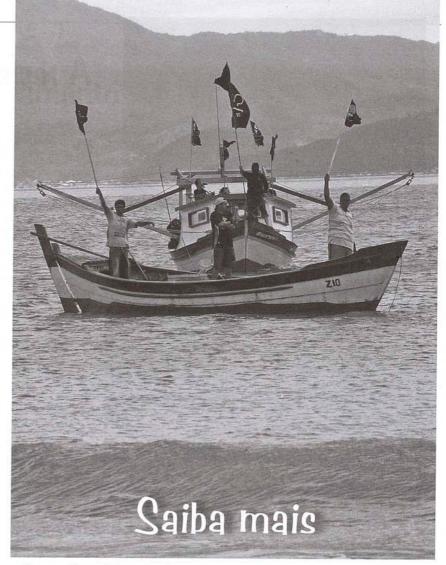


## A capitulação

O anúncio da implantação do Estaleiro OSX funcionou como um "canto da sereia" para as camadas menos favorecidas da população, aliado à completa capitulação de nossas elites dirigentes — Associação Comercial e Industrial de Florianópolis (ACIF), Sindicato da Indústria da Construção Civil da Grande Florianópolis (Sinduscon) e Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc), importantes empresários e, principalmente, quase a totalidade da liderança política.

A rigor, somente a executiva do PT de Florianópolis se posicionou em nota contra o empreendimento, iniciativa que foi repudiada pela cúpula petista. Dos candidatos ao Governo do Estado. apenas o professor Valmir Martins (PSOL) se mostrou claramente contrário ao estaleiro no local proposto. A senadora Ideli Salvati (PT) chegou a pedir em público a "cabeça" do dirigente do ICMBio local. E vivemos momentos de grande apreensão, quando o ministro da Pesca, Altemir Gregolim, declarou que os danos do empreendimento não seriam grandes no setor: a maricultura poderia ser realocada e a pesca na Baía Norte não era "significativa".

Desse modo, políticos de todos os espectros disseram sim à iniciativa. Na Assembleia Legislativa o deputado estadual do PMDB Edson Andrino (que não conseguiu se reeleger), articulou uma "frente parlamentar" que levou os interessados no OSX à Brasília para fazer pressões junto ao Ministério do Meio Ambiente e ICMBio. A comitiva teve a presença do dirigente máximo do órgão ambiental estadual (Fatma), Murilo Flores, onde o licenciamento (ainda não concedido) estava sendo avaliado.



- Parecer do ICMbio negando anuência ao empreendimento. PDF. www.portogente.com.br/arquivos/arq\_664\_doc\_completo\_icmbio.pdf
- Parecer independente sobre o EIA do OSX Estaleiro SC Ictiofauna Marinha e Espécies Invasoras, por Leopoldo Cavaleri Gerhardinger e outros. PDF (27 páginas) - www.merosdobrasil.org/uploads/docs/Par.Indep.Est.OSX-CarusoJR.Ictiofauna\_FINAL\_.pdf
- Parecer aponta fragilidades do EIA-RIMA do Estaleiro OSX e confirma danos à pesca artesanal. Portal Desacato. http://desacato.info/2010/09/parecer-do-eia-rima-do-estaleiro-osx-confirma-danos-a-pesca-artesanal/
- Posição dos maricultores. Documento encaminhado ao Ministério da Pesca. CMI. www.midiaindependente.org/pt/blue/2010/10/478644.shtml
- Os golfinhos somos nós!, por Celso Martins (jornalista e historiador), e Crônica de um crime ambiental anunciado, pela química Ariane Laurenti (UFSC). Blog Sambaqui na Rede. http://sambaquinarede2.blogspot.com/2010/09/blog-post\_20.html

## A chuva das flores

Texto: Rubens Lopes, de Florianópolis

Ao Seo Zézinho, construtor de jardins...

Sempre que chega a primavera sou tomado pela nostalgia. Lá em Minas Gerais eu trabalhava numa floricultura como entregador e era a estação das flores. Então, aconteceu um fato que me marcou, acredito que por toda vida. Foi a chuva das flores, bonito nome, não? Mas é simples assim: quando termina o inverno, a grama já está seca e as folhas já voaram no ar como cartas, ela vem. Primeiro, como uma chuva torrencial e as plantas parecem dizer o que o avô do Rubem Alves, outro mineiro, contemplava: "Vejam como estão agradecidas!".

Essa chuva tem um poder sobre mim. Fico a pensar nos dias em que levava flores em uma bicicleta cargueira pelas ruas de Sant' Ana do Alegre. Uma mão com a flor e a outra com a direção, e seguia sem titubear pelos morros e "banquelas". O entregador de flores tem uma sorte grande. Ele é o que apanha o primeiro sorriso no instante da surpresa transfigurada num gesto de amor. Ou talvez isso só passasse pela minha cabeça, daí a nostalgia. Pois acontece que têm pessoas que apenas cumprem com sua obrigação, como os carteiros de hoje em dia, que na maioria das vezes entregam contas (ou "cheque especial", diria minha vó), cartões de crédito, planos de saúde, etc... O milagre é quando vem uma carta no meio de tanta publicidade. As cartas levam palavras como gotas de chuvas para as plantas. Ah, se as pessoas soubessem o quanto precisamos delas: as palavras.

Tempos sombrios, diriam os mais antigos, em que a obrigação do serviço nos priva de descobrirmos as verdadeiras relações humanas no trabalho. No sistema capitalista, que visa o lucro, as coisas funcionam assim. Eu trabalho como entregador. Tenho muitas entregas para fazer, então, quanto mais rápido eu as fizer, mais tempo terei para outras funções, o que para o neoliberalismo, outro comparsa do capitalismo, é uma mão na roda. Como eu sou um guri com muito "sebo nas canelas", vou que é uma bala. E assim cumpro minha obrigação, embora a

patroa lembre a toda hora: "se demoras, têm outros tantos na espera para ocupar teu lugar".

Acontece que um dia deparei com uma situação que me fez pensar. Tinha eu um jardim para fazer. É que eu, além de entregador de flores, aprendi o ofício de jardineiro, do qual me orgulho muito! E lá fui eu na cargueira, com tesoura, podão, enxada, rastelo e outros apetrechos de jardinagem. A dona da floricultura disse que teria uma pessoa a me ajudar no trabalho. Ao chegar a casa vi uma bicicleta preta, marca monark, escorada no meio-fio. E, sentado na calcada, estava um senhor bastante curioso. Hoje, ele me lembraria aqueles cubanos que passeiam pelo Malecon com a camisa estampada usando uma boina e fumando um charuto.

Mas vamos ao acontecido. Ele seria a pessoa a me ajudar no jardim. Ao me apresentar descobri seu nome, Seo Zézinho. Na garupa da bicicleta, trazia uma tesoura já envernizada pelo suor. Contando sobre seu trabalho, disse, com a dignidade que as pessoas simples tem, que era jardineiro há quarenta anos e que já plantara muitas árvores na vida. Entramos na casa para fazer o jardim, uma casa luxuosa, dessas que aparecem em revistas de decoração. O lote continha uma infinidade de tapetinhos de grama, algumas fênix fazendo a decoração, ráfias, e outras plantas de sombra e sol.

Então começamos a aparar a grama e o Seo Zézinho num compasso que lembrava um samba lento ia com sua tesoura. O meio-dia já se aproximava e a barriga começava a roncar. Trabalho braçal deixa o cabra com uma fome de ontem. Perguntei onde morava o Seo Zézinho, que respondeu, na calma mineira: na Água Limpa. Este é um dos bairros que fica no morro da cidade, se é que se pode existir morro numa cidade do interior de Minas. Mas é que por lá moram as pessoas simples e trabalhadoras que vivem às margens da sociedade.

De onde estávamos trabalhando até a



casa do Seo Zézinho dava mais ou menos meia hora de ida e vinda, e como tínhamos uma hora de almoço ele tinha que fazer o "quilo" (o descanso depois do almoço) pedalando. Deve ser por isso que ele era tão magrinho. Uma hora da tarde e estava lá o Seo Zézinho, pontual como esses relógios de igreja. Recomeçávamos a labuta aparando grama com a rapidez em que as vacas pastam no campo. Foi assim durante três dias, os que trabalhamos juntos. Na paciência e determinação por cumprir sua profissão de jardineiro Seo Zézinho me ensinou uma lição muito importante: que mesmo nesses tempos sombrios a dignidade do homem brota como os calos nas mãos.

Simón Rodriguez dizia sobre a importância da educação que se aprende trabalhando na terra. O sistema capitalista impera e como o império há de ruir e com ele toda a estrutura que o sustenta, chegará o tempo em que as lanças se transformarão em arados e a terra será trabalhada por mãos que cultivam e zelam pela vida boa e bonita para todos, a Eko Porã dos Guarani, como diz a profecia.

Toda vez que a chuva das flores vem, minha dignidade se renova no solo fértil da esperança de que encontraremos a terra sem males. E sigo lutando e construindo jardins, assim como o Seo Zézinho.

## Mineiros soterrados em nome do lucro

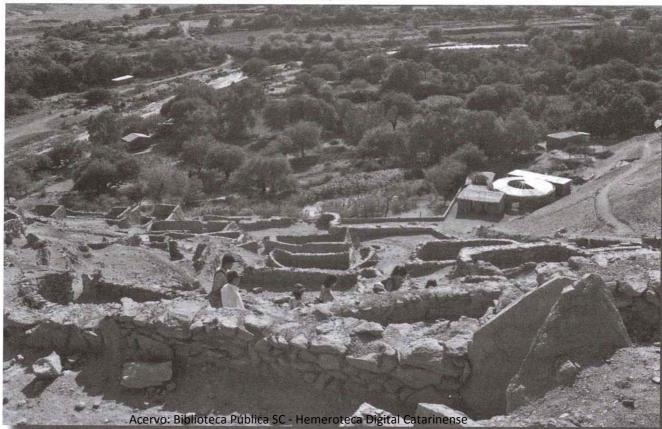
omo todo mundo, acompanhei, emocionada, o resgate dos mineiros da mina São José. Depois de guase 70 dias enterrados, vivendo nas entranhas da Pachamama, eles voltaram à vida, numa operação de resgate inédita, a qual não faltaram a coragem, a ousadia, a solidariedade, a cooperação. As cenas que se sucediam, a cada homem que vinha à luz, eram de profunda mística. As famílias, principais responsáveis por aquele milagre, esperavam, com o rosto transfigurado de alegria, a chegada dos seus. E eles saiam da cápsula, com a aura de quem havia caminhado no escuro do mundo inferior e voltado para contar. Isso não é pouca coisa para o universo cultural das gentes do atacama. Afinal, no mundo dos likan antay, tal como se autodenominam os originários da região do deserto chileno, o mundo inferior é morada dos mortos. Na Bolívia, os aymara respeitam tanto esse mundo subterrâneo que não há uma mina que não tenha a figura do "tio", espécie de entidade mágica que faz a ligação entre

Texto: Elaine Tavares, Fotos: Marcela Cornelli, de Florianópolis

o mundo de baixo e o de cima. Levar oferendas ao "tio" é imprescindível para que as gentes possam transitar no mundo inferior e voltar. Assim, aqueles homens que viveram a angustiosa espera de quase 70 dias no território da morte certamente haverão de mudar suas vidas para sempre. Isso é altamente perturbador.

Quem via aqueles homens saindo da cápsula poderia pensar que aquela gente é quase mineral, talhada em cobre, prata e ouro. As caras angulosas, os narizes esculpidos, tornam os mineiros chilenos uma espécie de escultura forjada na riqueza que produzem dia após dia, cavoucando as entranhas da Mãe Terra. Mas a história daqueles homens, perdidos no deserto mais seco do mundo, não foi sempre assim. Antes da chegada dos espanhóis e da invasão de seus mundos, o minério que hoje é responsável pela vida e pela morte não era usado para gerar riqueza. Ninguém feria a Pachamama para dela arrancar o lucro. Apenas o que brotava do chão

Pukará de Quitor, fortaleza onde o povo atacamenho lutou contra os espanhóis



era colhido para se transformar em adorno ou objeto de cerimônia. Foram os homens brancos que trouxeram a febre do ouro, e com ela a destruição, que perdura até hoje.

#### A história

Apesar de ser um dos lugares mais secos do mundo, premido entre os Andes e o mar, o deserto tem seus espaços de vida nas chamadas quebradas, espécie de oásis, com pequenos riachos, onde se concentram as cidades. Ali vivem os atacamenhos desde há milênios. Há registros de que há 11 mil anos já era povoada a quebrada de San Lorenzo, assim como há 1.500 anos já se configuravam verdadeiras comunidades sedentárias, como o povo de Tulor, do qual se pode ver as ruínas das construções e o modo de vida. Essa era uma gente que vivia no deserto em harmonia com as forças da natureza. Inscrições nas rochas dão conta de que eles realizavam longas jornadas comerciais, ligando-se inclusive ao povo de Tiahuanaco, na Bolívia, e ao povo inca, no Peru. Sob a sombra do sagrado Licancabur (um vulcão) eles faziam cerimônias, davam pago à terra e viviam em paz.

Esta paz só foi quebrada por volta de 1536, quando os espanhóis Diego Dalmagro Valdívia e Francisco Aguirre iniciaram a jornada de conquista pelo interior. Naqueles dias, o povo atacamenho já tinha recebido notícias dos saques e destruição impetrados pelos espanhóis e preparou-se para resistir. Do alto da fortaleza chamada de "Pukará de Quitor" (fortaleza do alto) eles esperaram os brancos e lutaram bravamente por longos 20 anos. Mas, sem armas de fogo ou cavalos, acabaram vencidos pela supremacia bélica das hordas espanholas. E desde aí começou a escalada da mineração naquele lugar de sonhos.

Quem anda pela estrada que vai de São Pedro de Atacama à Calama não pode deixar de se surpreender com a visão de Chuquicamata, a maior mina a céu aberto do mundo. No meio da paisagem árida e marrom de pedras e areia, aquele gigantesco buraco é como uma ferida aberta, uma espécie de monstro a consumir a vida dos seus 15 mil trabalhadores dia após dia. A lembrança desta cena torna absolutamente perturbadora a cena do grito de guerra dos mineiros chilenos na medida em que cada companheiro saía da mina. Um grito de bravura e de amor a uma profissão que lhes foi imposta pela força e que custou a morte de quase toda a população autóctone dos lugares por onde os espanhóis semearam esta forma estranha de arrancar da terra suas riquezas minerais.

Historiadores da vida chilena estimam que de 1542 a 1560, início do processo de mineração na região do deserto, os espanhóis arrancavam mais de dois mil quilos de ouro por ano, usando para isso a mão-de-obra escrava do indígena conquistado. A rapinagem foi tão grande que este primeiro

ciclo alucinado do ouro durou bem pouco. Ao final do século XVI esta atividade já estava esgotada, não tanto por faltar ouro, mas por não haver mais gente para fazer o trabalho. O genocídio se consolidava.

A nova onda de mineração na região chilena só voltou a crescer no século seguinte, quando o capitalismo nascente decidiu alavancar o comércio de matérias-primas, dando prioridade aos metais preciosos, dos quais a região era extremamente rica. Naqueles dias a mão-de-obra já se recuperara e o ouro voltou a ser extraído com produção duplicada, assim como o cobre, que teve um acréscimo de 20 vezes. No caso da prata o aumento da produção passou para 400 vezes mais, o que custou a dizimação de quase todo povo aymara e quéchua da Bolívia. No Chile, a produção de cobre chegou a duas mil toneladas por ano, quase maior do que a produção de trigo.

#### Nosso ouro e nossa prata enriquecendo a Europa

Com a revolução Industrial caminhando a todo vapor, o cobre passou a ser um metal muito requisitado, o que aumentou o processo de mineração no Chile. De 60 toneladas em 1826, a exportação para a Inglaterra passou a 12.700 toneladas em 1835. Em 1940 a produção total era de 44 mil toneladas por ano. Aquela era uma riqueza tão essencial que mesmo durante as guerras de independência a mineração se manteve praticamente intocada. E, logo depois da independência, passou a ser vital para o desenvolvimento das forças produtivas no país. Instalada a república e definido o modo capitalista de produção, a mineração passa a ser dominada pela elite local, assim como por algumas empresas estrangeiras que viam ali uma fonte inesgotável de riquezas. Até porque, se não havia mais a mão-de-obra escrava indígena, agora, a massa de trabalhadores "livre" e empobrecida seria a cereja do bolo. Baixos salários e muita exploração fizeram a riqueza de alguns. Nada muito diferente do que é hoje.

E foi assim que o Chile converteu-se num país de mineradores e mineiros. Quando o século XX chegou, a exploração anual da prata chegava a 150 mil quilos e, embora o cobre tivesse caído bastante, ainda representava importante setor da economia. Naqueles dias outros minerais assomavam para garantir mais lucro aos donos das minas: o salitre e o carvão de pedra. As riquezas brotavam do chão, mas só para alguns. Por isso, acaba sendo tão desolador um passeio pela cidade de Calama, por exemplo, onde a pobreza e falta de estrutura são gritantes. Ali vivem os que adentram ao "mundo inferior" para extrair as riquezas que jamais serão usufruídas por eles, nem mesmo em termos de políticas públicas. O Chile, como se sabe, depois de viver uma longa e feroz ditadura, foi o

produto mais acabado das políticas neoliberais, privatizando praticamente tudo.

Salvador Allende, durante o curto período que ficou no poder, chegou a nacionalizar algumas minas e delimitar o investimento estrangeiro, mas tudo isso foi pelo ralo com o golpe militar, que voltou a entregar as riquezas minerais do Chile às grandes empresas transnacionais. Nos anos 90 do século XX, o setor mineiro chileno vive outro momento de expansão, também fruto de gigantescos investimentos estrangeiros. Leis específicas são criadas para dar legitimidade ao saque e, segundo dados do próprio governo (http://www.minmineria.cl/574/w3-propertyvalue-1986.html), nas últimas décadas foram registrados ingressos que oscilam de 73 a 245 milhões de dólares anuais. Entre 1990 e 2002 entraram 18 bilhões de dólares. Desde 1990 o Chile triplicou a produção de cobre, chegando a 4,6 milhões de toneladas anuais.

#### A mineração é predadora

Os fatores que levam os estrangeiros e a elite local a investir tanto dinheiro na atividade mineira são alardeados pelas autoridades, assim como o presidente Sebastián Piñera alardeou ao mundo no seu discurso, tão logo saiu o último mineiro da mina acidentada: "a fortaleza e a capacidade técnica de nossa gente". Nos relatórios de empresas especializadas em mineração no Chile, que podem ser encontrados na internet, esse fator também é contado como fundamental. O braço forte do homem chileno e o baixo salário que ele recebe por isso.

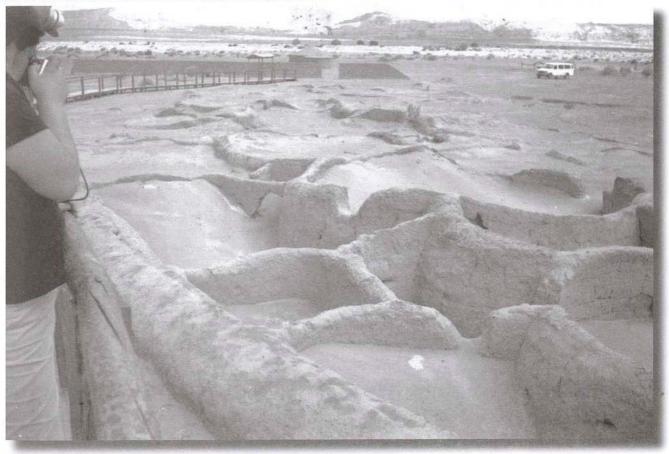
Dados divulgados por uma empresa chamada de "Corporação para o desenvolvimento da região do Atacama" mostram friamente a situação dos trabalhadores diante destes exuberantes números de investimentos e exportações: A pobreza extrema toma quase 20% da população, o índice de aproveitamento escolar das crianças é baixíssimo e menos de 2% de quem termina o segundo grau vai para a universidade, os índices de desenvolvimento humano nas cidades da região são ínfimos. Não há saneamento, as moradias são precárias, não há saúde pública, muito menos educação. Por outro lado, 47% da economia gira em torno da mineração, dali saem 90% do ouro, 82% da prata e 100% do ferro e 80% de tudo que é exportado. Até 2015 estima-se que mais de 162 milhões de toneladas de cobre possam ser exploradas. Ou seja, é o lugar perfeito para uma empresa investir. Como bem já definiu Ruy Mauro Marini, a periferia do sistema capitalista se caracteriza justamente pela capacidade de superexplorar o trabalho. Ou seja, não basta ao capitalista sugar a tradicional mais-valia, é preciso ampliar essa marca, estendendo a corda até as últimas consequências.

Neste universo de números astronômicos, riquezas pol-

pudas e exploração desenfreada dos trabalhadores, ainda há que se discutir os motivos reais que levaram ao acidente da mina São José. Um senador ligado ao setor mineiro. Carlos Cantero, apressou-se em dizer que o acidente não pode servir para demonizar as médias e pequenas empresas mineradoras que, via de regra, são as que investem menos em segurança. E, nesta onda, o presidente Sebastián Piñera, que nadou de braçada no "espetáculo" da retirada, também prometeu aos mineiros que vai pedir um relatório minucioso sobre as condições de segurança das minas e que vai investir muito mais neste setor. "Não só no setor mineiro, mas também na educação e na saúde", prometeu, eufórico, no discurso final pós-resgate. Nunca é pouco lembrar que o homem afável e sorridente que acompanhou a saída de cada um dos mineiros acidentados é o mesmo que se manteve inflexível diante de uma greve de fome dos prisioneiros políticos da etnia Mapuche, que estão presos acusados de terrorismo, embora tudo o que tenham feito seja lutar pela demarcação de suas terras e por autodeterminação.

No caso da mina São José, o que fica de perplexidade é que seus donos, Marcelo Kemeny e Alejandro Bohn, já são bastante conhecidos no Chile pela falta de cuidado com os trabalhadores. Uma reportagem de Claudia Uriquieta dá conta de que existem muitas demandas judiciais contra eles, justamente por falta de segurança no trabalho, tendo já sido registradas pelo menos três mortes, dezenas de feridos, muitos mutilados, além de vários desabamentos. O sindicato dos trabalhadores vem desde longa data exigindo que as minas tenham sempre duas áreas de escape, para que não aconteça justamente o que aconteceu. Mas a Suprema Corte chilena negou o pedido dos trabalhadores, protegendo assim os empresários, que teriam de investir muito mais para garantir a segurança dos mineiros. E, para coroar este completo desdém pela vida dos trabalhadores, estes empresários ainda são agraciados com prêmios e recebem títulos de patronos dos mineiros (http://www.iela. ufsc.br/?page=noticia&id=1525).

A retirada dos mineiros da mina desabada seguiu todos os rituais do espetáculo midiático. Apenas a cena carregada de emoção da saída, do encontro com familiares, a dedicação dos socorristas. As redes á cabo ainda conseguiram apresentar uma entrevista aqui e ali falando dos problemas recorrentes no campo da mineração chilena. Mas, ao final, o que restou foi a catarse. O povo chileno nas ruas, com bandeiras, as lágrimas, os sorrisos, a alusão à solidariedade de todos, à fortaleza destes trabalhadores que conseguiram sobreviver a uma longa noite no mundo inferior. O presidente ainda foi aclamado como um herói, porque, afinal, gastou 20 milhões de dólares com o resgate. Ora, foi até pouco diante da dívida histórica que tem com esse povo que, no segundo quartel do 1500, foi obrigado,



por conta da invasão, a se transformar em uma espécie de tatu, esburacando a terra em busca de riquezas que não consegue verdadeiramente tocar.

#### As lutas precisam ser coletivas

E agora, passada a ressaca do "espetáculo", o que acontecerá naqueles fundões do deserto? Um milionário chileno já adiantou que vai doar uma bolada para cada um dos sobreviventes. E as gentes se emocionam com esse empresário tão bonzinho. É a versão chilena da "síndrome do Gugu", essa perversa proposta de dar uma casa a um pobre por semana, resolvendo assim a vida de uma família, e evitando que a luta coletiva cresça para dar conta da melhoria da vida de todos. Estes mineiros que ficaram prisioneiros no interior da Pachamama podem até melhorar de vida. Mas e os milhares de outros trabalhadores que seguirão arriscando suas vidas nas minas mal-cuidadas e sem proteção? Quem chorará pelos que caírem soterrados nas centenas de acidentes que acontecem recorrentemente?

A resposta a essa pergunta já foi dada, pelo próprio espetáculo midiático, e, como dizia Jesus: quem tem olhos para ver, que veja. Quando o último homem saiu da cápsula, era um dos socorristas que haviam descido para ajudar os mineiros e todas as atenções já estavam no presidente Piñera, que dava seu discurso. Apenas um quadrinho, no lado direito da tela mostrava a chegada daquele ser humano anônimo. O presidente seguia, sorrindo, faceiro, fazendo promessas ao Chile, enquanto os trabalhadores se abraçavam e acolhiam o companheiro. Estavam ali, sozinhos, outra vez. O poder instituído já estava viajando em outra órbita.

Por isso, não há heróis neste drama latino-americano. Há, isto sim, a repetição do eterno mesmo. Aos trabalhadores cabe conhecer a história e aprender a lição que foi dada pelos familiares dos soterrados. Aquela gente atacamenha, aquela gente forjada no cobre e na rocha do deserto, não arredou pé da mina. Fez acampamento, exigiu. E foi essa força que garantiu o resgate. Nada mais que isso, a força do povo unido. Se as gentes em pequeno número conseguem coisas assim, o que não conseguirão os trabalhadores, juntos?

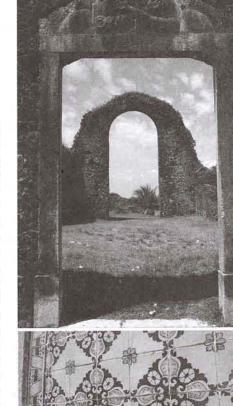


Ogsto doce e amargo da constatação

Caminhar pelas ruas de São Luís, pela cidade histórica de Alcântara e pelos Lençóis Maranhenses não é apenas uma viagem turística, e sim também uma viagem pela história brasileira. Uma mistura de memória e contemporaneidade tomou conta dos meus pensamentos e do meu coração durante o tempo que estive lá, em julho de 2010. Em meio a construções antigas e belezas naturais, saltavam aos meus olhos as diferenças sociais do Brasil, a conjuntura política de um estado que carrega uma herança de exploração e um clima de de-

Apesar das minhas impressões negativas em relação à constatação do que a família Sarney fez com essa pérola do Nordeste brasileiro, não quero me ater apenas a isso, o que não faria justica ao que é o Maranhão. Nas

fotos destas páginas, fica para o leitor a chance de guardar o que há de melhor nessa parte do país deixada de lado por décadas de exploração pelos donos do poder por lá. Nos olhos do povo, na beleza da natureza maranhense, existe outra constatação que não consigo explicar em palavras. É uma sensacão de realidade, de verdade, que não se traduz apenas em argumentos óbvios, como os já citados. É como se um gosto de brasilidade – que para ser fiel deve reunir nossa realidade dura misturada com uma existência feliz - tomasse conta do meu paladar. Fica aqui minha sugestão: descubra o país em que vivemos, vá ao Maranhão e veja por si a mão da história mexendo com nosso senso de liberdade e de realidade. Somente assim você, leitor, poderá entender esse gosto doce misturado com o amargo de ser brasileiro.





Texto e Fotos: Míriam Santini de Abreu, de Chapecó (SC)

"Entre proteger a inviolabilidade do direito à vida e à saúde, que se qualifica como direito inalienável assegurado a todos pela própria Constituição, ou fazer prevalecer um interesse financeiro e secundário (...), uma vez configurado esse dilema razões de ordem ético-jurídica impõem ao julgador uma só e possível opção: aquela que privilegia o respeito indeclinável à vida e à saúde humanas (Supremo Tribunal Federal, Agravo de Instrumento 452312, Relator Ministro Celso de Mello)."

A citação inicia uma das Ações Civis Públicas do Ministério Público do Trabalho em SC que tem a Sadia como ré.

á um filme chamado "Páginas da Revolução" (1996) em que um jornalista fica diante de um dilema profissional. Ele vê os muitos lados de uma determinada realidade que cabem em um texto jornalístico. Mas, ao final, ele sabe a resposta, a única

possível: é ficar do lado do

mais fraco.

Eram 8 horas daquela manhã domingueira de 24 de outubro em Chapecó, no oeste catarinense, e já havia gente na frente da sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Carnes e Derivados no município, o Sitracarnes, na Rua Benjamin Constant. Para

Aqui se produz gente lesionada

chapas, a de situação, de um grupo que há mais de duas décadas mandava no sindicato, e a de oposição, a Chapa 2, chamada de "Oposição pra Valer". Foram três anos para essa chapa se consolidar, tudo na surdina, para evitar - nem sempre com sucesso - perseguições por parte da empresa. O dia da eleição foi tenso. Cerca de 30 policiais militares acompanharam a votação de perto, além de representantes de sindicatos de todo o estado. A chapa de situação perdeu, por 216 votos contra 489 da oposição, mas não se conformou.

Logo após o pleito, o grupo da situação começou a peregrinar nas instâncias do Judiciário alegando que a eleição não fora legítima. A advogada da Chapa 2, Maria Aparecida dos Santos, a Cida – que naquela manhã de domingo estava com fundas olheiras e, nas mãos, pilhas de documentos - conta que a própria Comissão Eleitoral, que havia avalizado todo o processo, depois pediu a anulação do que já tinha referendado. Por isso, no início daquele 24 de outubro, os integrantes da chapa vitoriosa e os trabalhadores que, pouco a pouco, ocupavam a rua na frente da sede do sindicato, não estavam tranquilos. Qual seria a decisão da juíza do trabalho Vera Marisa Vieira Ramos, da 1ª Vara do Trabalho de Chapecó? "A Oposição pra Valer" tomaria posse?

#### Sadia?

O sindicato de Chapecó representa uma base de aproximadamente 7 mil traba-Ihadores, cerca de 90% deles atuando na Sadia. Fundada em 1944 por Atílio Fonta-



às 9 horas estava marcada a

posse da nova direção da enti-

dade, que há 22 anos - desde

a fundação, em dezembro de

1988 - não tinha eleições.

Neste período, por causa de

mudanças oportunistas no

Estatuto do Sindicato, apenas

duas pessoas se mantiveram

na Presidência. Somente na

quinta e última mudança de

Estatuto, em janeiro de 2010,

por interferência do Ministério

Público do Trabalho (MPT), é

que foi aberta a possibilidade

setembro passado, com duas

Ela ocorreu no dia 1º de

de realizar uma eleição.

na, a empresa começou em Concórdia com um pequeno moinho e um frigorífico inacabado. Hoje, é um gigante do ramo de alimentos. Por quatro vezes seguidas, a marca Sadia foi eleita a mais valiosa do setor de alimentos no Brasil. O frango brincalhão e o "S" vermelho são inconfundíveis nas embalagens e nos comerciais de jornais, revistas e televisão. O mascote ficou ainda mais famoso em 2008, depois da campanha intitulada "Para uma vida mais gostosa".

Uma das iniciativas mais recentes da empresa é a entrada na onda

do "desenvolvimento sustentável". Tratase de um programa que envolve 3,5 mil produtores de suínos na "redu-

ção das emissões de gases do efeito estufa e na comercialização de créditos de carbono...". O trecho, tirado da página da empresa, revela mais uma das "ações" da Sadia para ganhar um lugar no Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) da Bovespa, a Bolsa de Valores de São Paulo.

Segundo o Relatório Anual 2008 da empresa, disponível na página na internet, a Sadia era a líder brasileira em alimentos industrializados naquele ano e a sexta maior exportadora do país. Sua receita operacional bruta em 2008 foi de R\$ 12,2 bilhões. Hoje, emprega cerca de 60 mil funcionários, possui fábricas em 17 estados brasileiros. 10 centros de distribuição e 17 filiais de vendas, e tem escritórios comerciais em 11 países.

A Sadia sempre manteve estreitos laços com o poder público. No Relatório Anual 2008, a "Mensagem da Admininistração" é assinado pelo então presidente do Conselho de Administração, Luiz Fernando Furlan, que já foi ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do governo Lula.

Atualmente, está em análise no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) o processo de fusão da Sadia com a Perdigão - empresa também catarinense - . chamada agora de BRF Brasil Foods. Um dos membros do Cade é Fernando de Magalhães Furlan, primo de Luiz Fernando. Outro exemplo da relação com o poder público é na área de Pesquisa e Desenvolvimento da empresa, que coloca no mercado uma série de produtos que recebem prêmios e conta com parceiros em Universidades e com a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia.

Mas há dados que não aparecem nos Relatórios Anuais da empresa. A história oficial, que faz o frango do logotipo sorrir, tem por baixo outra. Essa é contada por centenas de trabalhadores lesionados que atuaram ou ainda atuam na Sadia e por uma série de ações na Justica. Sobre essa história, a não-oficial, o Sitracarnes, sindicato que deveria proteger os direitos dos trabalhadores, silenciou por mais de duas décadas.

É por isso que fun-

cionários como C., 26 anos, 8 de Sadia, estavam ali, no dia marcado para a posse da nova Diretoria do sindicato. "Agora eu vou me associar. Eu antes não fazia nada pelo sindicato. Não ia ajudar quem defende o patrão". Apesar da pouca idade, C. tem problema de coluna, o que provocou um ano de afastamento do trabalho. A mulher dele. N., depois de 6 anos traba-Ihando em um dos setores da empresa que mais adoece funcionários, coleciona lesões por esforco repetitivo (LERs) em vários pontos entre os ombros e os dedos. Apesar de doente, continua trabalhando, mas à base de quatro tipos de medicamentos, entre eles o Celebra, um potente antiinflamatório e analgésico. Só esse gasto leva R\$ 200,00 do salário. Ele recebe, bruto, cerca de R\$ 900,00; ela, R\$ 850,00.

N. aguarda que o plano de saúde da empresa libere uma cirurgia, mas antes precisa fazer ressonância magnética, que foi marcada para janeiro do ano que vem. Por enquanto, o que conseguiu foi mudar de setor, mas nele prevalece a necessidade de carregar peso e estar submetida a mudanças constantes de temperatura. Por isso a dor não dá trégua. Em casa, é o marido quem faz a maior parte dos servicos domésticos e dá banho e demais cuidados na filha de três anos. "O pior de tudo isso é a humilhação que a gente passa quando vai procurar o médico, o advogado... É muita humilhação", desabafa N.



Pohres Nojentas set/out 2010

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

#### "Os trabalhadores é que estão sendo desossados, não os frangos"

O Procurador do Trabalho Sandro Sardá recorda de um valioso detalhe. Foi em 10 de dezembro de 2008, no 60º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que ele deu por concluída a primeira de três Ações Civis Públicas (ACPs) nas quais a empresa Sadia em Chapecó aparece como ré. A primeira, de 227 páginas, é um relato de linguagem jurídica, mas que revela, de forma gritante, duas realidades: o descaso da Sadia com os seus funcionários e o modo como o capitalismo, na busca do lucro, esmaga os trabalhadores. Tanto uma realidade quanto outra aparecem nos números, nas estatísticas, nos depoimentos, no que viram e ouviram os Auditores Fiscais do Trabalho, servidores públicos que entraram na empresa para investigar o que ali acontece. A frase que abre esta página é uma dentre as tantas ditas por funcionários da Sadia. "Da forma como está se produzindo na empresa", afirma Sardá, "estamos comendo o que é fruto do sofrimento humano".

A ACP foi o resultado de

uma investigação iniciada em 2007, e que um ano depois gerou um inquérito civil. Os peritos constataram 24 irregularidades trabalhistas, listadas de "a" a "z". A Sadia em Chapecó recebeu 29 autos de infração em janeiro de 2008. Em novembro daquele ano, foram mais 15.

Por causa de sua conduta, a Sadia levou o Ministério Público do Trabalho a propor a ACP à Justica do Trabalho no município do oeste catarinense. Um dos objetivos é defender a saúde, a seguranca e a vida de centenas de trabalhadores. "A conduta da ré implica violação não só da dignidade de cada trabalhador encontrado em situação precária, mas também violacão de um sentimento coletivo, social, de dignidade", diz um dos trechos da Ação. É uma forma de agir, portanto, que vai além da consequência sobre a vida individual de cada funcionário.

O Ministério Público do Trabalho avalia que a maneira como a empresa atua "vem produzindo no oeste de Santa Catarina uma legião de traba-

> Ihadores acidentados e doentes, criando um verdadeiro problema de saúde pública para todos os municí

pios nos quais ela se estabelece". E num mercado exigente quanto à facilidades, a forma de produção desse tipo de alimento, entre o abate e a embalagem, e as consequências para os trabalhadores, são desconhecidas pelos consumidores que, nos supermercados, podem escolher as peças já limpas e selecionadas.

A Justiça do Trabalho em Chapecó tem inúmeras ações trabalhistas individuais, e mesmo condenações, contra a Sadia, mas isso não tem impedido a continuidade das práticas ilegais. Outro problema é que nem todos os trabalhadores buscam seus direitos, e boa parte dos que entra com ação aceita fazer acordo com valores abaixo do que teria direito, porque precisa do dinheiro.

Um exemplo da forma da Sadia de organizar o trabalho ilustra bem a perda para os funcionários e os ganhos pela empresa. Ao longo dos anos, o gigante do ramo de alimentos – que distribui cerca de mil produtos para mais de 100 países - sistematicamente subtraiu salário dos funcionários. Ela não reconhecia, como tempo de trabalho, o período em que os empregados faziam a troca obrigatória de uniforme. Isso também exigia o deslocamento entre a portaria e o vestiário. O cartão-ponto não registrava esse tempo gasto.

Os Auditores Fiscais do Trabalho, que fizeram vistorias em 2008, calcularam que

a troca de roupa consumia 15 minutos diários por empregado. Parece pouco? Os auditores fizeram as contas: com base no salário de janeiro de 2008, concluíram que o empregador deixaria de pagar naquele ano, no mínimo, R\$ 3.433.684,80, quase três milhões e meio de reais. Esse dado está em outra Ação Civil Pública do MPT, datada de agosto de 2010, que busca reparar os atuais e ex-funcionários por esse tipo de prática. A empresa passou a computar o tempo de troca de uniforme apenas em abril de 2009.

A ACP revela que, em 2005, foram propostas, na Justiça do Trabalho, 291 ações individuais de empregados da Sadia contra essa prática. Em 2008, o número foi de 687, mas ainda pouco se comparado à média de 6 mil funcionários da empresa. Nestas ações, segundo a ACP, o valor médio da condenação pelo salário subtraído por conta do período não pago para troca de uniforme varia de R\$ 400,00 a 600,00 por ação.

O Sitracarnes e seus dirigentes naquele período também são citados como réus nesta Ação Civil Pública, e contra eles é requerida a condenação por danos morais. O Ministério Público do Trabalho avaliou que o sindicato, em vez de defender os trabalhadores, aceitou e firmou diversas normas coletivas em prejuízo aos direitos dos empregados da Sadia.

A Ação Civil Pública (ACP) é regulada por uma Lei de 1985. O objetivo dela não é defender o direito individual de alguém.

A ACP defende direitos coletivos, difusos, inespecíficos, como o direito ao meio ambiente sadio, que é para todos. Ela pode ser proposta por diversas entidades, como o Ministério Público do Trabalho. O ganho de causa em uma ACP pode beneficiar uma comunidade inteira.

set/out

#### Legião de lesionados

J. mostra o dorso da mão direita marcado por uma cicatriz. Ele fez a cirurgia em 2005 para tentar recuperar as cartilagens incapacitadas para o trabalho. Foram cerca de 50 sessões de fisioterapia e dois anos de afastamento. S. mãe de três filhos, também sabe o que é viver com dor. Ela tem lesão por esforço repetitivo no braço esquerdo e usa com frequência, medicamentos a base de diclofenaco para aliviar a dor. Trabalha há oito anos na Sadia. Acorda às 2h40 e faz a pé, em 15 minutos, o trajeto até a empresa, de onde sai às 13h07. O salário bruto por seu trabalho, que é o de tirar todas as vísceras da ave (coração, moela, fígado) e verificar se não há contaminação, é de R\$ 950,00. Ela agora faz parte da direção do sindicato. "A gente antes tinha muito medo, medo de perder o emprego, mas quando entrei na chapa de oposição foi no impulso, na sede de mudança", diz ela. "Se todo mundo tem medo, nunca vai ter mudança".

Por que trabalhar na Sadia adoece tanta gente? Segundo o sindicato, há atualmente cerca de 1.500 funcionários afastados. A resposta a essa pergunta está na Ação Civil Pública do MPT, que desvenda os resultados da forma de organização do trabalho dentro da empresa. A Ação requer que a Justiça enquadre a Sadia de Chapecó em 29 obrigações de fazer e de não fazer. Todas elas têm a ver com

descumprimento sistemático de normas, principalmente trabalhistas. Como o objetivo é atingir metas de produção, não se levam em conta os limites físicos e psicológicos dos empregados. Quem dita o ritmo é o maquinário - a esteira, a nória (transportador aéreo das aves) - e isso durante jornadas que muitas vezes ultrapassam o limite definido pela Consolidação das Leis do Trabalho, a CLT. O tempo, na Sadia, é rigorosamente controlado, até para ir ao banheiro. Tudo para evitar perda de tempo nas linhas de desmontagem de frangos e perus.

A Ação revela, por exemplo, que:

- para desossar a coxa e a sobrecoxa de uma ave, o trabalhador faz 80 movimentos manuais por minuto. São 4.800 movimentos por hora, somando 42.240 movimentos se a jornada de trabalho for de 8 horas e 48 minutos. Em depoimento na ACP, uma mulher conta que tinha de cortar cerca de 20 quilos de frango a cada 5 minutos. O Procurador Sandro Sardá diz que, segundo pesquisas, para evitar problemas nos tendões é preciso não ultrapassar 33 movimentos por minuto.
- há empregados que fazem mais de quatro horas extras num único dia de trabalho, com jornadas diárias que chegam a ultrapassar doze horas.
- a maioria dos postos de trabalho nas atividades de processamento de carnes é em ambientes artificialmente resfriados, com temperaturas variando entre 9 e 12 graus

centígrados. Adicionalmente, os produtos manuseados devem permanecer em baixas temperaturas, em torno de 4 graus centígrados. Os empregados estão submetidos à tarefas repetitivas, monótonas, pressionados pelo tempo, em ritmo excessivo, com jornadas exaustivas e posturas inadequadas. Há setores em que qualquer descuido, nem que seja por segundos, pode levar a lesões e acidentes sérios.

- o ritmo intenso em certos casos leva a afastamentos do trabalho já entre 6 meses e 1 ano de início da atividade.
- as condições de trabalho inadequadas obrigam empregados a se afastar devido a transtornos mentais, principalmente depressão. Em 5 páginas, a ACP lista 220 casos de afastamentos entre 2007 e 2008.

São doenças, tanto físicas quanto emocionais, que muitas vezes aparecem em funcionários jovens, de 20 a 25 anos. Mas o INSS vem reconhecendo que esses problemas têm relação com as condições de trabalho na empresa e concede os benefícios previdenciários. Essa possível relação entre a doença de uma pessoa e o tipo de trabalho que ela faz é chamada de "nexo de causalidade". Mas esse nexo precisa ser provado. O principal documento para isso é a CAT (Comunicação de Acidente de Trabalho), e aí aparece outra violação da Sadia.

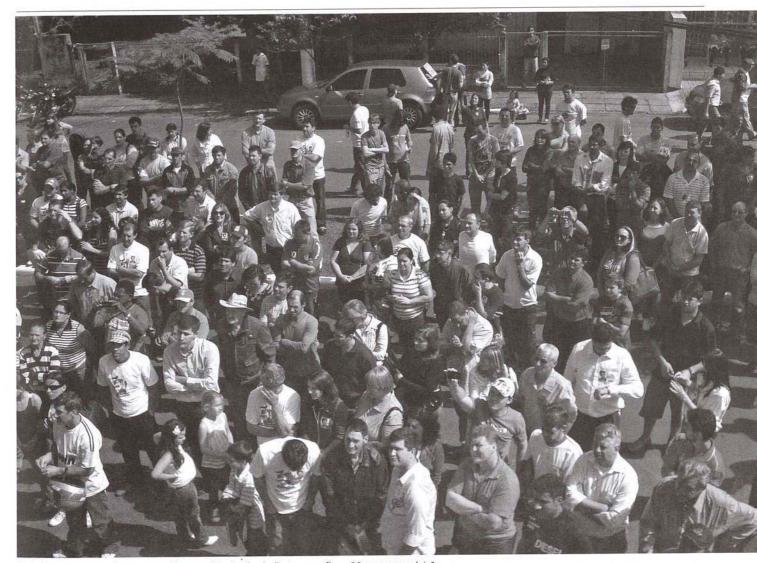
A empresa resiste em notificar as doenças ocupacionais, confirmadas ou suspeitas. A Ação Civil Pública mostra que, de acordo com

dados do INSS, de janeiro de 2004 a julho de 2007, 405 trabalhadores da empresa estiveram em auxílio-doença por doenças osteomusculares, e 411 por transtornos mentais. Destes, 289 por depressão. Nesse mesmo período, porém, foram emitidas apenas 77 Comunicações de Acidente de Trabalho por doenças osteomusculares e nenhuma por transtornos mentais. A falta deste documento pode deixar o trabalhador com dificuldade para provar o nexo causal entre a doença que tem e o trabalho que faz. A Sadia, por exemplo, emprega muitos ex-agricultores, e costuma alegar que o funcionário já entrou adoecido na empresa por causa da lida na terra.

Depoimentos de traba-Ihadores no inquérito civil contra a Sadia comprovam que a empresa nem sempre paga os salários nos casos em que o INSS não reconhece a incapacidade de um empregado para o trabalho. Um dos depoimentos na Ação é o da funcionária F. Ela contou que, em 2005, ficou 9 meses sem receber salários ou benefícios previdenciários. Estava incapacitada para o trabalho, mas o INSS não reconhecia isso e a empresa não encaminhava os documentos necessários para que ela recebesse o benefício.

Doença, na Sadia, também pode gerar represálias. Os Auditores Fiscais verificaram que as demissões sem justa causa foram 4 vezes mais frequentes no grupo daqueles que tiveram afastamentos de mais de 10 dias do que nos dos empregados restantes.

Pobres Nojentas set/out 2010



Trabalhadores aguardam a posse da nova direção do sindicato, que ficou 22 anos sem eleição

#### Longa viagem para trabalhar

A fama da Sadia faz com que seja cada vez mais difícil contratar em Chapecó. Diariamente, segundo a ACP, mais de 1.500 trabalhadores se deslocam de diversas localidades da região para trabalhar na unidade da Sadia no município. O transporte é terceirizado, pago pela Sadia ou pelas prefeituras. O tempo

médio gasto no deslocamento é de cerca de duas horas, variando desde 30 minutos até 250 horas. Há casos em que os ônibus chegam na empresa em torno de 30 minutos antes do início da jornada, e saem também 30 minutos após o final do expediente. Assim, além da jornada efetiva de trabalho, há empregados que gastam de uma a quatro horas de seu dia com deslocamento e até uma hora

com espera. Tempo que não é remunerado.

Segundo Sardá, este é um dos cinco pontos ainda sem acordo na ACP em que a Sadia é ré. Os outros quatro são:

- o ritmo de trabalho adequado. O MPT considera que o máximo deve ser de 30 movimentos por minuto nas funções desempenhadas na linha de produção.
  - os períodos de pausas

para recuperação da fadiga. O MPT propõe 10 minutos para cada 50 trabalhados. Em Garibaldi, na Serra Gaúcha, no início de 2010, um frigorífico implantou pausas de 10 minutos a cada 50 de trabalho, a partir da primeira hora, em prazo e forma definidos por equipe da qual participaram dois trabalhadores eleitos pelos colegas, com estabilidade e em processo eleitoral feito pelo Sindicato.

Toda a negociação envolveu o Ministério Público do Trabalho. Conforme Ata de Audiência em julho de 2010, tanto a empresa quanto o sindicato afirmaram que a mudança trouxe benefícios. Um deles foi a redução de queixas ligadas a dores provocadas pelo trabalho. Esses dados podem ser consultados em www.frigorificoscaxias.blogspot.com

 os limites do plano de saúde da empresa impostos para tratamento médico.

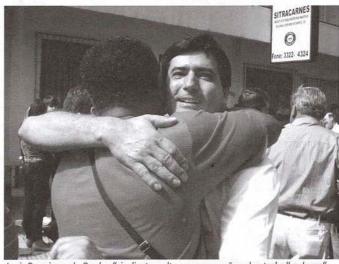
- o valor do dano moral coletivo. O MPT requer a condenação da Sadia por dano moral coletivo no valor de 50 milhões de reais, recurso que seria usado em benefício da coletividade dos trabalhadores. A Sadia, segundo Sardá, oferece 1 milhão.

Para o procurador, desde a proposição da Ação houve avanços, e um deles foi o de a realidade enfrentada pelos empregados da Sadia sair de dentro dos portões da empresa e alcançar a esfera pública. O trabalho para propor as Ações Civis Públicas, os dados colhidos, a realidade vista, fazem com que ele afirme: o tipo de atividade que os empregados fazem na

linha de produção de frangos e perus não deveria exceder 7 horas e 20 minutos, e o ideal, mesmo, seriam 6 horas com ritmo adequado: "O que não pode é lesionar. Quando isso acontece, é, como se diz, 'só ladeira abaixo'. Aí se tira daqueles trabalhadores, daquele povo, todos os sonhos, os projetos de felicidade". Dados do INSS mostram que, nos últimos três anos, o setor de frigoríficos foi o que mais gerou acidentes e adoecimentos em sete estados. incluindo Santa Catarina.

#### Faça-se a posse!

Houve um romper de aplausos e sorrisos quando, pouco antes das 9 horas, Oficiais de Justica, acompanhados de Policiais Federais, chegaram na sede do Sitracarnes com a decisão da iuíza do trabalho Vera Marisa Vieira Ramos, da 1ª Vara do Trabalho de Chapecó. Ela determinava que a atual Diretoria do sindicato - a que perdera a eleição - efetivasse "a posse de TODOS os integrantes da Chapa 2, no dia 24.10.2010, às 09h, na sede da entidade sindical". Diante de ameaças recebidas por



Jenir Ponciano de Paula: "sindicato voltou para as mãos dos trabalhadores"

integrantes e apoiadores da Chapa 2, foi solicitado que a Polícia Federal revistasse todos os que entrassem no prédio para dar e receber a posse.

Passaram-se uns 40 minutos até que os primeiros integrantes da nova Direção saíssem do prédio. O novo presidente do Sindicato, Jenir Ponciano de Paula, foi aplaudido e cumprimentado por vários trabalhadores e, num rápido intervalo entre um abraço e outro, falou ao microfone: "Todos estão convidados para conhecer a nossa sede, de hoje em diante, e que depois de 22

anos voltou para as mãos dos trabalhadores". Mas Jenir, a advogada Cida, os funcionários C., N., J, e todos os que adoeceram ao vender a sua força de trabalho para a Sadia sabem: diante de um conglomerado quase indiferente às leis, sejam elas quais forem, a posse do sindicato é só o início. Mas, como diz A., entre uma rodada de chimarrão e outra - o dedo indicador quebrado num acidente de trabalho - a expectativa agora é de que o sindicato seja mesmo dos trabalhadores: "A gente agora quer, quando vier pedir apoio, que não nos virem as costas".

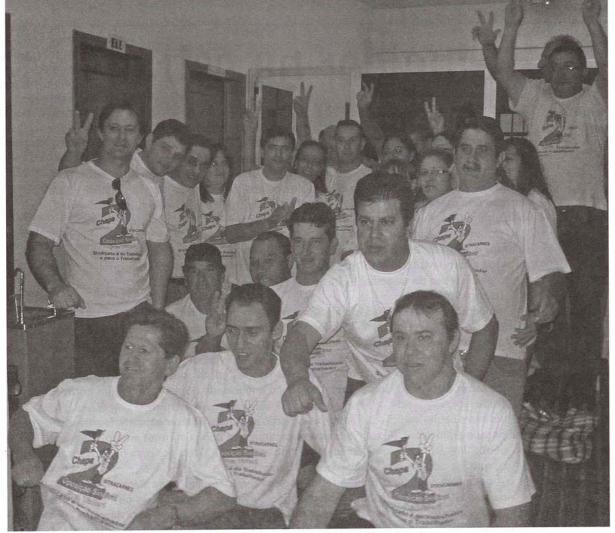
Revista Virtual

#### Desacato

América Latina - Soberania e Paz

www.desacato.info desacato.brasil@gmail.com





Nova Direção do Sitracarnes: posse garantida pela Justiça

#### Esclarecimentos importantes

- \*Os nomes dos funcionários da Sadia foram mudados e os setores de trabalho omitidos para evitar possíveis represálias.
- \*A fusão da Sadia com a Perdigão é contada em reportagem intitulada "O Setembro negro da Sadia", na edição 38 da revista Piauí. Veja em:
  - http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao\_38/ artigo 1187/O setembro negro\_da\_Sadia.aspx
- \*Veja em www.youtube.com/pobresynojentas o vídeo sobre a posse da Chapa 2.
- \*Para ver como funciona uma linha de produção e os proble-

- ma enfrentados pelos trabalhadores, assista o programa sobre o tema produzido pela Assessoria de Comunicação do TRT/SC, da série "Justiça em Movimento", disponível em: http://ead.trt12.gov.br/videoteca\_ascom\_2009/ O programa é o "JM03 Frigoríficos"
- \*A P&N entrou em contato com a Sadia em São Paulo, por e-mail e telefone, para solicitar entrevista, mas, no dia seguinte, em mensagem de voz gravada no número de celular indicado para retorno do contato, a Assessoria de Imprensa da empresa informou que a Sadia não participaria da pauta nem daria posicionamento sobre o assunto.

# Fingidor na estrada

Texto: Moacir Loth, de Florianópolis

Empoeirado, carregando a cruz da amargura, da desgraça e da dor, caminho e me arrasto por estradas e picadas conhecidas e desconhecidas. Todas cheias de espinhos, rochas, marimbondos, rosas, crateras, poeira, excrementos, carros, animais e gente (Massa!). A cada instante instala-se um novo micróbio em mim e ganha vida e sobrevida. A roupa escura, cheia de furos e clarões de pós, me torna um maltrapilho histórico, um farrapo sem precedentes (Guiness?). Os olhos perdidos no poço de tão fundos (olheiras?) dificultam driblar os obstáculos e fintar os adjetivos.

O nariz já se assemelha a um anzol (risos!). E os raros cabelos escuros "murcharam". (Enfim, o rosto assemelhado a um "moirão" de cerca gasto pelo tempo e coberto de musgos estampava todo o sofrimento que já não cabia naquele corpo esquelético, sugado pelo vórtice da tragédia). – Das cheias do Vale!

(Noé, a volta?).

As pernas feridas, azuladas, cansadas, ficavam cada dia mais saracuras e trêmulas. (Eugênio, o pai?). Mesmo cambaleantes, ainda carregam a vida torta e árida pela estrada, onde me perco sem nunca ter achado os "amigos", e a mim mesmo. Procuro Graciliano (Vidas Secas), talvez tanto que não sei coisa alguma. Vou, sigo, aspiro e respiro o pó que alimenta e ainda me mantém vivo, pois não sei contar quanto tempo não sinto mais o sabor dum alface (amargo?), tampouco a felicidade duma gota d'água potável. Da saúde, só as saúvas!

Às vezes bebia, indócil (chateado), as próprias lágrimas. (Eta, cana ruim!). Frustravamme porque eram secas. (Eram "lágrimas doces, mas em pó"). Lágrimas em pó? (Viagem do além): "literatura de viagem"? Raul, da "mosca na sopa", vela por mim (o purgatório: Jesus, que me odeia e não vale nada, me chama!).

A boca fecha-se como se uma ferida sarasse sem cicatrizar. E a amargura prolonga a vida daquele ser lambido pelos cães, amigos, evitado e desprezado por seus pares e par só por mais algum tempo. (Jesus carregava a cruz, mas Deus não via coisa com coisa porque não teria sido avisado). "Aviso aos navegantes? Hoje não tem aviso aos navegantes". Catatau, o cão endeusado na universidade, certamente ora por mim (mais que Paulina!).

O nariz (plastificado) quase roçava o chão. (Pinóquio sofre, mas não chora porque é cara de pau!). A roupa já era da cor do diabo. (Qual? Vermelha? O andarilho era daltônico). O coração, esse ingrato apaixonado pela morte, já pulsava pela pele. Horror. Sem cor, sem forças, sem sangue e traído pela sorte, caio finalmente no meio do betume, os carros aceleram. (Esmagam aquela massa nojenta de ossos e crosta. Ninguém pára. (Carona?). Ninguém a recolhe. Ainda bem! Os urubus, exigentes, graças ao Senhor, torcem o faro e voltam ao céu azul, varonil. (E os corvos encontram-se saciados).

Mas por que recolher o lixo? Sou coisa nenhuma. Nada, nada (e não é peixe). Sou ninguém, nem para estrume serviria. Titica. "Sou menos que animal, pois bicho de sorte é retirado da estrada e escapa de virar cobaia para experiências da Ciência", sopra ao ouvido uma alma penosa (e depenada) com pena dos cachorros. (As ONGs me rejeitam!).

E os ossos triturados se espalham, misturando-se entre pó, dó, ré, mi e pedras. Começo, então, a pertencer à rodovia duplicada fechando um buraco. Pedágio. De usuário, passei a ser usado. (Grande novidade!).

Mas estava escrito nas estrelas e na Bíblia. O andarilho (eu?) toma outro corpo e, teimoso, aceita a sua sina declamando Pessoa como quem "fumou" (bosta de vaca?):

Pobres Nojentas set/out

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Lenta e quieta a sombra vasta Cobre o que vejo menos já. Pouco somos, pouco nos basta. O mundo tira o que nos dá. Que nos contente o pouco que há. A noite, vindo do nada, Escrito em 1975, em Blumenau, com breves acréscimos ou supressões em 2009, em Florianópolis, quando ficou pronto para o destino merecido: a descarga! O autor, por acaso, é jornalista.

Lembra-me quem deixei de ser, A curva anônima da estrada Faz-me esquecer, Faz-me ter pena e ter de a ter.

Ó largos campos já cinzentos Na noite, para além de mim, Vou amanhã meus pensamentos Enterrar onde estais assim. Vou ter aí sossego e fim.

Poesia ! Nada! A hora desce Sem qualidade ou emoção. Meu coração o que é que esquece? Se é o que eu sinto que foi vão, Por que me dói o coração?

Se morresse agora não ficaria nem triste nem feliz; não ficaria nada. E fingindo a dor que deveras sente, o defunto repete Pessoa:

Tendo dito tantas vezes Quanto sofro sem sofrer Que me canso dos revezes Que sonho só prà os não ter

E esta dor que não tem mágoa Esta tristeza intangível o Passa em mim como um som de água Ouvido num outro nível.

E, de aí, talvez que seja Uma nova antiga dor Que outra vida minha esteja Lembrando no meu torpor.

E é como a aragem que nasce De ouvir música e sentir... Ah, que a emoção em mim passe Como se a estivesse a ouvir!

(Chorar ou rir de morrer, eis a questão:) Melhor é esquecer...

Estrada, sol de Marte, asfalto em chamas: Um abutre é surpreendido, agarrado a sua carniça Tapete preto para o andarilho, o fingidor da estrada!



## Humor e futebol no livro "Gol é Orgasmo"

O colunista da *Pobres e Nojentas*, Celso Vicenzi, lançou no dia 18 de novembro, na Livraria Saraiva do Shopping Iguatemi, em Florianópolis, o livro "Gol é Orgasmo", uma coletânea de centenas de frases bemhumoradas sobre o esporte mais popular do planeta – o futebol.

Do craque ao cabeça de bagre, do juiz ao bandeirinha, do atacante ao zaqueiro, do goleador ao goleiro, nada escapa ao humor perspicaz do autor, que já atuou como jogador profissional do Avaí (SC), durante uma curta temporada. Não poderiam faltar, também, os treinadores, os lances do jogo, os tipos de gols, o futebol feminino, os torcedores, os cartolas, as gírias, a comparação entre futebol e sexo. e os X Mandamentos do Futebol - tudo devidamente conceituado em frases curtas, irônicas, mordazes, picantes, às vezes precisas e cheias de graça. O livro tem ilustrações de Paulo Caruso, um dos mais importantes cartunistas do país, e projeto

gráfico de Pedro Paulo Delpino.

Celso Vicenzi, 52 anos, é ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, Prêmio Esso de Ciência e Tecnologia, com passagens por rádio, TV, jornal, revista, internet e assessoria de imprensa. Atualmente assessora o Sicoob Central SC e o Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Federal/SC (Sintrafesc). Assina uma coluna de humor no Jornal de Barreiros, na Grande Florianópolis, e uma de opinião no portal www.acontecendoaqui.com.br.

Alguns exemplos: No futebol, só o goleiro bota a mão. E, às vezes, o juiz. /// Mesmo quando não bebem, alguns treinadores são um porre. /// Dia de chuva e trovoada é ótimo para fazer gol-relâmpago. /// Alguns times contratam zagueiros que encaixam como uma luva. De boxe! /// Gol chorado também faz a alegria do torcedor. /// Tem jogador que gosta de cantar o jogo. Mas a maioria desafina. /// Quem chuta na orelha da bola não acerta na cara do gol.



Livro: Gol é Orgasmo - Celso Vicenzi – ilustrações de Paulo Caruso. Editora Unisul. Preço: R\$ 15,00. À venda nas 45 lojas da Livraria Saraiva em todo Brasil, pelo site www.livrariasaraiva. com.br ou com o próprio autor: vicenzi@newsite.com.br

## Minha profissão, minhas botas



Pedro: um homem que recupera couro

Texto e foto: Míriam Santini de Abreu, de Florianópolis

Tenho há anos um par de botas de couro, pretas, com cadarço, cujo salto já troquei três vezes. Eles gastam, mas só. O couro é bom. Por isso as mantenho no armário, e as chamo de "botinhas de repórter". Para mim, elas representam a profissão que escolhi. Eu visto as botas nos dias em que saio de casa para fazer algo especial, fora da rotina de trabalho.

Sexta dessas estávamos eu e Elaine no Mercado Público de Floripa quando um homem apresenta um cartão e pergunta: -Quer engraxar a bota?

Eu detesto engraxar bota. O resultado, quando eu mesma faço o serviço, sempre fica meio ruim. Pois Pedro João Felomeno – este é o nome dele – disse que era o caso de também aplicar uma tinta.

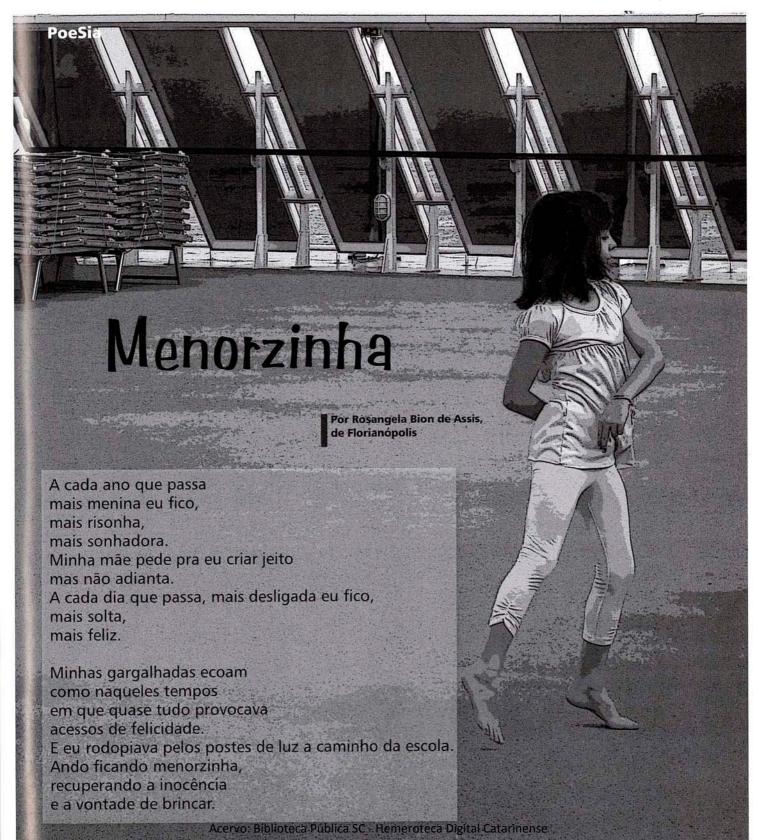
- Manda ver - respondi.

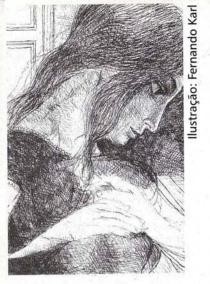
E eis que, ainda conversando com a Elaine, sinto um calorzito no pé, espio e vejo o Pedro a "benzer" a minha bota com fogo, uma chama alongada vinda de uma buchinha de feltro espetada num arame. Era para fixar a tinta.

Pedro tem 40 anos e trabalha desde os 12. Também é pedreiro, carpinteiro, o que precisar. O seu cartão de visita tem o número de celular, e ele conta que é muito requisitado por advogados que, logo antes de uma audiência, notam que o sapato que usam não está nas melhores condições. Pedro pode ser encontrado no Mercado Público. O serviço é de primeira.

Pobres Nojentas set/out 2010

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense





A espera

Vou vestir meu vestido mais bonito, Pintar minha boca com batom vermelho Vou banhar meu corpo com o perfume de todas as flores

Vou me admirar em frente ao espelho Enfeitar minha cama com todas as cores Vou te esperar contando as horas Ensaiando as palavras, treinando gestos Pensando nos beijos que te darei sem pressa

Invocando a Deusa, fazendo promessa. Quero te receber de coração aberto Sem medo, sem desencanto Pra te dizer que te amo tanto, tanto...

Pedirei a Deusa pra que nesta noite
Enfeite o céu com duas luas
Com mais estrelas e com seu encanto
Para que seja lúdico o nosso encontro
Pra saciar minhas vontades e as suas...
E se merecermos alguma graça,
Que a solidão se desfaça
Que beijos calem nossa voz
Que a paixão seja mais forte
E que o amor, enfim, seja infinito pra nós
Salete Crippa

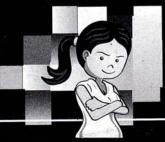
Foto: Osíris Duarte

Maranhão com gosto de brasilidade

Páginas centrais



EBX não iria fazer galpão para construir barquinho! Páginas 4 a 8



Pobres & revista de Nojentase

Acervo: Biblioteca Pública So